


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

LUCAS QUIO DOS SANTOS

## **A CIDADE GLOBAL NA OBRA DE SASKIA SASSEN**



ARARAQUARA – S.P.  
2016

LUCAS QUIO DOS SANTOS

## **A CIDADE GLOBAL NA OBRA DE SASKIA SASSEN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

**Orientador:** Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

ARARAQUARA – S.P.  
2016

Quio dos Santos, Lucas

A cidade global na obra de Saskia Sassen / Lucas Quio dos Santos – 2016

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Saskia Sassen. 2. Cidade Global. 3. Globalização. I. Título.

LUCAS QUIO DOS SANTOS

## **A CIDADE GLOBAL NA OBRA DE SASKIA SASSEN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

**Orientador:** Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Data da defesa/entrega: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin**  
Universidade Estadual Paulista/UNESP.

---

**Membro Titular: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Chaves Jardim**  
Universidade Estadual Paulista/UNESP.

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Augusto Caccia Bava Junior**  
Universidade Estadual Paulista/UNESP.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que contribuíram de alguma forma para a concretização desta importante etapa de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Edmundo e Silvana, pelos esforços e sacrifícios empreendidos em minha formação e pelo incentivo aos estudos.

Aos meus irmãos Tsadê, Tauana e Matheus pela companhia e paciência.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin, pela prontidão, paciência e auxílio.

“A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Assinala a emergência da sociedade global como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória. Uma realidade ainda pouco conhecida, desafiando práticas e ideias, situações consolidadas e interpretações sedimentadas, formas de pensamento e voos da imaginação”.

Octavio Ianni (2000, p. 207)

## RESUMO

Esta monografia é dedicada ao estudo do conceito *cidade global* proposto pela socióloga holandesa e norte-americana Saskia Sassen. Trata-se de uma formulação conceitual que busca definir o sentido da cidade contemporânea da era da globalização econômica e política. Por meio da cidade global, Sassen propõe que o fenômeno da globalização pode ser apreendido através da intersecção dos espaços locais e nacionais com o espaço global, efetuada pelas forças sociais e políticas transnacionais desde o final da década de oitenta, sobretudo, pelas grandes corporações. A localização de processos globais está relacionada à dinâmica de *desnacionalização* incipiente e parcial do quadro institucional dos Estados nacionais. A lógica de desnacionalização reorienta a política-econômica nacional à consecução de demandas impostas pelo capital global e promove a ruptura da relação entre poder e política que caracterizou o Estado moderno. O Estado desempenha uma função fundamental na constituição do sistema econômico global, pois é o responsável pela produção normativa para as novas formas de transações econômicas. Entretanto, o Estado é reposicionado em um campo de poder mais amplo constituído pelo novo quadro institucional privado ligado a economia global. Para Sassen, as condições necessárias à existência do sistema econômico global precisam ser produzidas e as cidades globais são os espaços nos quais ocorre essa produção. As cidades globais são complexos de produção para a capacidade de controle global e concentram as principais instituições que estão no núcleo do processo de criação de riqueza e concentração de poder. A imposição do setor internacionalizado sobre a economia urbana dessas cidades tem alterado profundamente a organização espacial da economia urbana, a estrutura de reprodução social e o processo de trabalho nos mais diversos países. Além da função econômica, as cidades globais emergem como importantes áreas para uma forma particular de ação política no início de século XXI. Os protestos sociais da era global são organizados a partir do espaço eletrônico das redes sociais e materializam-se através da ocupação prédios e espaços simbólicos. Os movimentos sociais de tipo *ocupe* reivindicam condições dignas de vida e compõem o processo emergente definido por Sassen de “*rua global*”. A análise da cidade global representa um espaço social privilegiado para a observação e compreensão de como o poder é criado, bem como, é capaz de ordenar um novo sentido e significado para a economia, a política e a cultura na sociedade capitalista contemporânea e no interior da globalização econômica e política.

**Palavras – chave:** Saskia Sassen. Cidade global. Globalização. Desnacionalização. Rua global.



## ABSTRACT

This monograph is dedicated to the study of the *Global City* concept propounded for the Dutch and North-american sociologist Saskia Sassen. This is a conceptual formulation that seeks to define the meaning of the contemporary city in the era of economic and political globalization. Through *global city*, Sassen suggests that the phenomenon of globalization can be perceived through the intersection of national and local spaces with the global space, made by transnational social and political forces since the end of the eighties, particularly, by large corporations. The location of global processes is related to the dynamics of incipient and partial *denationalization* of the institutional framework of national states. The denationalization logic reorients the national-economic policy to achieve demands imposed by global capital and promotes the breakdown of the relationship between power and politics that characterized the modern state. The state plays a key role in the global economic system constitution, because it is responsible for the normative production to new forms of economic transactions. However, the state is repositioned in a broader field of power constituted by the new private institutional framework on the global economy. According to Sassen, the necessary conditions for the global economic system existence need to be produced, and global cities are the spaces where this production occurs. Global cities are complex production for global control capability and focus the main institutions that are at the core of wealth creation process and concentration of power. The imposition of the internationalized sector of the urban economy of these cities has profoundly altered the spatial organization of the urban economy, social reproduction structure and the work process in various countries. Besides the economic function, global cities emerge as important areas for a particular form of political action at the beginning of XXI century. The social protests of the global era are organized from the electronic space of social networks and materialized through the buildings occupation and symbolic spaces. Social movements like "occupy movement" claim dignified living conditions and make up the emerging process defined by Sassen as "global street." The analysis of the global city represents a privileged social space for the observation and understanding of how power is created, and also how is able to order a new meaning and significance to the economy, politics and culture in contemporary capitalist society and inside economic and political globalization.

**Keywords:** Saskia Sassen. Global City. Globalization. Denationalization. Global street.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 A NOVA ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA E O REPOSICIONAMENTO DO ESTADO NACIONAL</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Da lógica de incorporação à dinâmica de expulsão</b>	<b>16</b>
<b>2.1.1 A nova geografia do poder</b>	<b>18</b>
<b>3 A CIDADE GLOBAL</b>	<b>22</b>
<b>3.1 A formação e o papel estratégico das cidades globais</b>	<b>23</b>
<b>3.1.1 Impactos sobre a economia urbana</b>	<b>26</b>
<b>4 A POLÍTICA COMO LUGAR</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A desregulamentação da circulação de capitais, o desmantelamento do comunismo e o desenvolvimento acelerado da eletrônica são os eventos de natureza econômica, política e tecnológica aos quais se pode atribuir, na análise do filósofo italiano Carlo Galli (2009), a intensificação do processo de mundialização do capital e a formação das novas geometrias espaciais que formam a globalização. Esses eventos também estão na origem do desenvolvimento de novas tendências e dinâmicas culturais, no sentido lato do termo, que promovem uma profunda transformação da relação entre a economia e a política. A globalização é o emblema que caracteriza o fim do século XX e que, muito provavelmente, influenciará as formas de ação e relação social, comportamentos e mentalidades, produção e construção de subjetividades nas próximas décadas.

Para Otávio Ianni (2000), em seus diversos estudos acerca do processo de globalização, as profundas mudanças nas esferas da economia, da política e da cultura promoveram um novo ciclo de universalização do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório. O modo de produção capitalista revigora-se a partir de novas tecnologias, processos de produção, jornadas de trabalho, redes articuladas, divisão do trabalho e com a mundialização dos mercados. A universalização do capitalismo também constitui um processo civilizatório porque desenvolve novos valores (novos processos de atomização social e desenraizamento, ênfase valorativa na condição de vida autônoma, no individualismo, na competição exacerbada e no intenso consumo de mercadorias), novas formas sociais de identidade, novas profissões e novos modos de ser, agir e pensar.

O fim do século XX marca uma profunda transformação histórica desencadeada, segundo Borja e Castells (2000), pela revolução tecnológica informacional. O estabelecimento do paradigma tecnológico informacional constitui um evento histórico tão importante quanto à revolução industrial do século XVIII. A partir dele o mundo torna-se assimetricamente interdependente e articula-se através das tecnologias da informação e comunicação, constituindo um fenômeno histórico inédito que inaugura uma nova era da história da humanidade: a era da informação. A globalização baseada na nova infraestrutura técnica tem transformado as formas de produzir, consumir, administrar, informar e pensar. De um lado, a revolução nas tecnologias de comunicação, informação e transporte gera o fenômeno da contração do espaço físico, a ruptura dos vínculos entre o passado e o presente, a construção valorativa do presente como espaço de ação centrado na obtenção de mais valor e concentração de mais poder. De outro lado, presenciamos uma inédita aceleração do ritmo do

tempo (não da medida física do tempo, mas das possibilidades de realização de tarefas em sempre menores unidades de tempo), a formação social de vida pautada no multitasking (nas diversas tarefas realizadas simultaneamente), a construção de um processo de produção just-in-time.

Os processos de urbanização, as cidades e os cidadãos são impactados por essas transformações estruturais. Entretanto, argumentam Borja e Castells (2000) que a entrada na era das telecomunicações não elimina a importância dos centros urbanos. Ao contrário, renova sua relevância quando permite a gestão e comunicação entre sistemas interurbanos e rurais remotos. Os centros urbanos passam a concentrar a população em aglomerações territoriais de características socioespaciais inéditas. O destino da humanidade passa a partir de então ser definido nas grandes metrópoles.

A constituição da economia global é o principal fenômeno que pode ser associado, segundo Borja e Castells (2000), ao paradigma informacional. A economia global possui uma natureza ambivalente marcada pelas dinâmicas simultâneas de inclusão e exclusão. Por um lado, ela inclui o que gera valor e o que se valoriza e exclui, por outro, aquilo que se desvaloriza ou pouco valoriza. Trata-se de um sistema econômico que segrega e exclui setores sociais, territórios e países. A economia global é uma economia informacional porque o aumento da produtividade não repousa sobre o incremento dos fatores de produção, mas, de acordo com Borja e Castells (2000), no emprego de conhecimento e informação nos processos de gestão, produção e distribuição. Desse modo, a geração e processamento de informação constituem fatores fundamentais para a produtividade e competitividade na nova fase econômica.

O processo de mundialização do capital foi uma resposta, afirma André Gorz em *Misérias do presente, riquezas do possível*, à crise de governabilidade que se manifestou em todos os âmbitos da sociedade desde o início dos anos setenta. No domínio da política, a crise de governabilidade impunha à necessidade de substituição do ordenador social visível representado pelo Estado por um invisível e anônimo como o mercado. A crise de governabilidade das empresas exigia a substituição da organização centralizada, hierarquizada e rígida da fábrica fordista por uma rede de subunidades parcialmente autônomas e, ao mesmo tempo, coordenadas para combater o poder dos trabalhadores, sindicatos e a rigidez das relações de produção. A superação da crise do modelo fordista ocorreu a partir do domínio econômico sobre a transformação tecnocientífica. Para o filósofo austro-francês, o capitalismo promoveu a desmaterialização das principais forças produtivas representadas pelo trabalho e o capital fixo. Atualmente, a forma mais importante de capital fixo é o saber acumulado e

disponível pelas tecnologias da informação e a forma mais relevante de força de trabalho é o intelecto.

O novo modo de produção e o novo processo de civilização capitalista produziram a hipermobilidade das diversas forças produtivas. Para Carlo Galli (2002), a globalização econômica e política pode ser caracterizada como a era da “mobilidade global” que, dentre profundas modificações, promoveu a ruptura com o fordismo. A superação do modelo fordista pode ser apreendida através da flexibilização da produção e da lógica de descentralização do processo de produção que, com frequência, dirige-se aos países do terceiro mundo. O surgimento da empresa transnacional marca o fim da fábrica fordista, da centralidade social e política das organizações operárias e do Estado Social. Representa o fim de um dos pressupostos espaciais da política moderna, a contenção do ilimitado pelo limitado, isto é, do controle da política sobre a economia. Na era global, a economia substitui a política na atribuição de sentido ao espaço social. A nova economia não é indiferente ao espaço em geral, mas ao espaço moderno da política, pois acaba por organizar uma nova espacialidade. Entre os novos espaços estão as cidades globais e as economias regionais, espaços expostos de forma direta aos fluxos e às dinâmicas da economia global. Esses novos espaços ignoram os limites espaciais nos quais se encontram inseridos e dispensam a mediação de seus respectivos Estados. O poder econômico organiza-se de modo virtual e com uma espacialidade de rede.

Os processos de globalização e informatização geram profundas transformações nas estruturas social e espacial das cidades de todo o mundo e, segundo Borja e Castells (2000), esta constitui a manifestação mais clara da articulação existente entre as escalas global e local. É essa articulação entre escalas que está na origem dos novos processos de transformação urbana. No interior de cada cidade global há espaços para, de acordo com Galli (2002), a desigualdade, pobreza e riqueza, imigração de mão de obra, concentração de profissionais altamente especializados e tecnologia inovadora, domínio e dependência. As redes de cidades globais coexistem com as profundas diferenças que são originadas pelo controle imediato da economia e a ausência de mediação política.

Para o sociólogo italiano Luciano Gallino (2006), a globalização é um processo que tende a polarizar o mundo, ao invés de unificá-lo sob a égide de progressos morais e políticos mais igualitários e universais. A globalização desempenha forte influência sobre a estratificação social, o desenvolvimento de novas modalidades de trabalho, polarização salarial e resgate das formas tradicionais de trabalho infantil e escravo. A globalização amplia

de maneira nunca vista o hiato que divide o estrato social mais alto dos estratos sociais mais baixos.

As relações de trabalho e estrutura empregos são alteradas pelas transformações de natureza tecnológica e organizacional da nova economia. Em contraste com a revolução industrial, a atual revolução tecnológica impulsiona a individualização das tarefas, a fragmentação do processo de trabalho, a terceirização, o trabalho parcial e em tempo parcial. A globalização possui estreita relação com a expansão do setor informal da economia, isto é, com o trabalho privado de regulamentação jurídica, proteção sindical e contratos. De acordo com Gallino, a globalização contribui para o surgimento de um novo tipo de pobreza: a dos trabalhadores pobres. A categoria dos trabalhadores pobres é composta por aqueles que trabalham um determinado número de meses ao ano, mas que não recebem o suficiente para permanecer acima da linha da pobreza definida pelos critérios estatísticos oficiais de cada país.

Borja e Castells (2000) propõem a hipótese da passagem a um novo tipo de sociedade: a sociedade de fluxos. Trata-se de uma sociedade em que a base material de todos os processos é composta por fluxos e na qual o poder e a riqueza estão organizados a partir das redes globais pelas quais circulam os fluxos de informação. A lógica da sociedade de fluxos ultrapassa a capacidade de controle por parte dos governos. Uma análise semelhante foi desenvolvida por Galli (2002): a globalização representa ruptura, ausência de limites e deformação de geometrias políticas tradicionais desenvolvidas na modernidade. O espaço político do Estado é atravessado e desafiado por fluxos materiais de pessoas, mercadorias, capitais e pelo espaço virtual da rede. A moderna centralidade do espaço do Estado é impactada profundamente pela dispersão do fenômeno econômico, e a principal tendência que se manifesta dirige-se à restrição do Estado social.

Para Zygmunt Bauman (2012a), a globalização rompe o vínculo existente entre poder e política que vigorou sob a imagem do Estado nacional. Atualmente, poder e política possuem localizações diferentes. O poder situa-se no espaço transnacional global, ao passo que a política ainda permanece local, de modo que os governos já não têm o mesmo poder sobre seus países porque o verdadeiro poder encontra-se além dos limites de seus territórios. Bauman (2012b) sugere que estamos vivendo em uma condição de vazio comparável à noção gramsciana de *interregnum*. Isto é, uma situação na qual o quadro jurídico de uma ordem social perde sua aderência e não consegue impor-se sobre a realidade, mas que, ao mesmo tempo, um novo quadro composto pelas novas forças que tornaram o antigo sistema obsoleto ainda não está plenamente constituído. Segundo Bauman (2009), a ordem estabelecida sobre a

tríade território, Estado e nação que organizou a distribuição de soberania e poder está sendo paulatinamente substituída por uma nova ordem em processo de formação.

Para Octávio Ianni (1994), as transformações estruturais que marcam a transição entre os séculos XX e XXI estabelecem um desafio epistemológico novo para as ciências sociais, pois o paradigma clássico elaborado a partir da reflexão sobre a sociedade nacional torna-se insuficiente para apreender a constituição desta nova realidade. Para o sociólogo brasileiro, a sociedade global se estabelece como o novo objeto das ciências sociais e seu estudo requer a elaboração de novos conceitos, categorias e interpretações para apreender a sua especificidade.

As pesquisas desenvolvidas pela socióloga Saskia Sassen situam-se neste contexto em que as ciências sociais são desafiadas por esta nova realidade em formação. Saskia Sassen ocupa a cátedra Robert S. Lynden de Sociologia da Columbia University e integra o Committee of Global Thought dessa mesma instituição, também é professora visitante da London School of Economics and Political Science. Saskia Sassen tem desenvolvido investigações nas áreas da globalização, sociologia urbana e sociologia dos processos transnacionais. Nas últimas duas décadas, Sassen tem realizado estudos sobre as cidades, a imigração e os estados em uma economia mundial a partir de três variáveis-chaves que atravessam seu trabalho: desigualdade, gênero e digitalização.

Sassen aparece entre os dez principais cientistas sociais do mundo da última década, de acordo com Social Science Citation Index. Conquistou o Prêmio Príncipe de Astúrias de Ciências Sociais 2013 pela contribuição à sociologia urbana e ao estudo das dimensões social, econômica e política da globalização. Entre suas principais contribuições estão o conceito de cidade global e a noção de intersecção entre as escalas global e local. Entre suas obras de destaque estão: *The Mobility of Labor and Capital* (1988), *The Global City* (1991), *Cities in a World Economy* (1994), *Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages* (2006), *A Sociology of Globalization* (2007) y *Deciphering the Global: Its Scales, Spaces and Subjects* (2007).

Considerando que as ciências sociais encontram-se frente a um desafio epistemológico novo devido as transformações estruturais ocorridas no contexto de transição entre os séculos XX e XXI, como assinalado por Ianni (1994), este trabalho será dedicado à apreensão de algumas das principais contribuições conceituais e interpretativas que a socióloga Saskia Sassen tem proporcionado para enfrentá-lo.

## **2 A NOVA ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA E O REPOSICIONAMENTO DO ESTADO NACIONAL**

Os anos 1960 marcaram o início de uma longa e profunda fase de transformação da estrutura organizacional e conteúdo da atividade econômica, processo de reestruturação do sistema econômico mundial que atingiu seu ápice durante os anos de 1980. Nesta seção o foco estará voltado à abordagem dos principais impactos decorrentes dessas transformações no transcurso da década de 1980, pois constituem o objeto de estudo das pesquisas desenvolvidas pela socióloga Saskia Sassen, cujo pensamento sociológico é tema de análise deste trabalho.

A desindustrialização de antigos núcleos de poder industrial dos EUA e Europa e a simultânea industrialização de cidades de países do terceiro mundo, isto é, a desterritorialização e reterritorialização de forças produtivas, assinalam uma das primeiras dinâmicas econômicas e políticas produzidas pela mundialização do capital e o fenômeno da globalização a partir dos anos de 1960. Contudo, é o célere processo de internacionalização da indústria financeira a partir da década de 1980, viabilizado pelos avanços nos campos das tecnologias de comunicação e informação, que constitui o cerne das investigações promovidas por Sassen a respeito das transformações de natureza econômica e política e seus impactos sobre a ordem social. As metamorfoses da geografia, composição da economia e da política conduziram a uma organização da atividade econômica geograficamente dispersa, mas, ao mesmo tempo, mundialmente integrada. A reestruturação geográfica do processo produtivo foi acompanhada pela alteração das relações entre capital e trabalho e, sobretudo, entre capital e Estado social. Logo, a nova geografia do processo produtivo e a nova geometria das relações de força entre o capital e trabalho produziram uma nova construção social do poder: o poder das grandes corporações transnacionais e das organizações econômicas e políticas internacionais privadas.

O incremento da mobilidade transnacional do capital nas últimas duas décadas do século XX provocou, para Sassen (1998b), a emergência de novas formas de articulação entre diferentes áreas geográficas e a transformação do papel desempenhado por essas áreas na economia mundial. A nova articulação entre espaços geográficos originou tipos de localizações específicos para as transações econômicas internacionais, tais como: as zonas de processamento de exportações e os centros bancários offshore, redes de produção espalhadas pelos diversos continentes, agências de direito especializadas em comércio internacional, atores econômicos e políticos transnacionais, interdependência econômica entre países.



As transformações na composição e geografia da economia global também ocasionaram profundos impactos sobre o destino de algumas cidades. O estabelecimento das finanças e dos serviços especializados como os principais componentes das transações econômicas internacionais, a partir da década de 1980, exigiu a constituição de um quadro institucional específico constituído por mercados financeiros, grandes empresas de prestação de serviços, bancos e sedes de corporações multinacionais. Essas instituições estão no centro do atual processo de criação de riqueza e localizam-se nas cidades globais.

O novo conteúdo das transações internacionais exerceu grande influência sobre o papel de algumas cidades na nova economia global. O aumento no grau de complexidade das transações econômicas, provocado pelo crescimento dos fluxos financeiros internacionais, estimulou a demanda por uma avançada infraestrutura de serviços especializados e recursos em telecomunicações que os tornam acessíveis. Algumas cidades do mundo são atualmente localizações estratégicas, pois concentram as condições fundamentais para ambos.

As redes de comunicação e informação e a globalização econômica são duas importantes forças, segundo Sassen (1998a), no processo de reorganização do espaço econômico. O estabelecimento do espaço eletrônico e a reconfiguração do ambiente construído para a atividade econômica são imagens dessa reorganização. A crescente digitalização das atividades econômicas não eliminou a necessidade por centros financeiros e de negócios e os recursos que concentram, pois o espaço eletrônico constitui apenas fração de uma cadeia econômica mais ampla inserida em espaços não eletrônicos. A telemática maximiza a dispersão geográfica e a globalização impõe uma lógica econômica que eleva os lucros dessa dispersão.

A organização espacial da indústria financeira e de serviços especializados demonstra, afirma Sassen (2004), que as escalas global e nacional não se excluem e que a reduzida capacidade dos Estados em regular essas indústrias se deve ao fato de estarem situadas em uma rede de lugares estratégicos parcialmente estabelecidos em territórios nacionais. O processo de localização de espaços transnacionais em territórios nacionais controlados por Estado Nação soberanos define, segundo Sassen (1998b), a atual fase da economia mundial, denominada de economia global para distingui-la de formações anteriores. A reafirmação da importância das unidades subnacionais é uma das características da atual fase econômica e indica que o impacto da globalização consiste em uma triangulação entre Estado nacional, economia global e localidades estratégicas. Logo, as cidades globais são unidades subnacionais em que se cruzam múltiplos circuitos globais materiais e eletrônicos.

## 2.1 Da lógica de incorporação à dinâmica de expulsão

Em *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*, Saskia Sassen defende a tese de que a década de 1980 assinala o início de uma nova fase do capitalismo em que a acumulação realiza-se a partir de complexas operações e inovações altamente especializadas que passam pelos processos de terceirização da produção e operações financeiras. Para a socióloga holandesa e norte-americana, as últimas duas décadas do século XX marcam o início do desenvolvimento de propriedades sistêmicas que estimulam a concentração no topo da escala social em detrimento da criação de um amplo estrato médio. As propriedades sistêmicas que promovem a tendência de concentração de riqueza diferem-se daquelas que vigoraram durante os anos compreendidos entre o fim da Segunda Guerra Mundial e meados da década de 1970, período caracterizado pela expansão da classe trabalhadora e média, pelo relativo equilíbrio de forças entre capital e trabalho, pelo reconhecimento do trabalho e elevação da renda no PIB, pela participação dos sindicatos dos trabalhadores em decisões econômicas nas fábricas, pelos direitos sociais e econômicos que formavam o Estado Social e a democracia moderna.

A organização das economias de mercado nas potências ocidentais durante o pós-guerra esteve alicerçada, segundo Sassen (2015a), na intensidade do capital fixo, no processo de produção padronizado e na construção de residências em novas cidades e subúrbios. Estas formas de crescimento contribuíram para o estabelecimento de um regime econômico baseado na produção e consumo de massa que conduziu à expansão da classe média e redução da tendência à desigualdade extrema. A produção de massa produziu as condições econômicas propícias para o desenvolvimento de uma ampla classe média porque possibilitou a organização dos trabalhadores, baseava-se no consumo e, desse modo, o nível salarial era fundamental para a criação de uma demanda efetiva em economias fechadas. Além disso, o nível salarial e benefícios sociais da manufatura foram estendidos aos demais setores da economia. Contudo, esse modelo passou por intenso processo de transformação como se verá a seguir.

O fim da Guerra Fria conduziu ao que Sassen (2015a) considera como uma das fases econômicas mais brutais da era moderna: a reestruturação radical do capitalismo. O processo de reestruturação econômica possuía como principal objetivo a abertura de campos inexplorados e improváveis para os novos e ampliados modos de extração de lucro, como foi o caso das hipotecas *subprime* de habitações modestas. Uma das proposições centrais de Sassen (2015a) é de que a combinação entre elites, capacidades sistêmicas e finanças origina

o que define de formações predatórias, isto é, arranjos que conduzem à concentração extrema. As capacidades sistêmicas são descritas como uma combinação entre inovações técnicas, financeiras, de mercados e anuência governamental.

A reestruturação do sistema capitalista passa pela transformação das ordens sistêmica e espacial: 1) a transformação de ordem sistêmica está associada ao domínio de políticas-econômicas desregulatórias, aos imperativos de privatização e à eliminação de barreiras alfandegárias e 2) a de natureza espacial refere-se ao processo de transformação de amplas áreas em zonas extremas de extração de lucros entre as quais estão as cidades globais, os espaços para o trabalho terceirizado, as plantações e áreas para a extração de recursos minerais destinados à exportação. O elevado potencial de lucro das indústrias de serviços avançados repousa sobre a combinação de tecnologias que possibilitam a hipermobilidade do capital, a desregulamentação dos acordos de classe entre capital e trabalho, a intensificação da fluidez do capital e das inovações técnicas e financeiras capazes de aumentar o crescimento econômico e a rentabilidade.

A desigualdade nas capacidades de obtenção de lucro entre setores de uma economia e de ganho de diferentes tipos de trabalhadores constitui uma das características das economias de mercado, mas, de acordo com Sassen (2015a), o atual nível de desigualdade é impar. A ascensão das finanças e a crescente importância dos serviços especializados na organização da economia são os processos que estimulam o incremento da desigualdade. Desse modo, a desigualdade deve ser entendida como parte inerente da nova configuração econômica.

A capacidade de reforçar seu próprio valor, “financeirizar” parte significativa da economia e de impor aos governos seus próprios critérios de avaliação tornam as finanças uma força extremamente perigosa. Para Sassen (2015b), as finanças não constituem somente uma forma de economia, mas um complexo e brutal sistema de poder e extração no qual os instrumentos financeiros geram extrema concentração de mais-valor e poder, destruição de formas de vida e valores, relações sociais e identidades, profissões e ecossistemas.

O atual nível de concentração econômica tornou-se assunto recorrente nos debates políticos e noticiários de todo o mundo. Artigos publicados no site do jornal *O Estado de São Paulo* em janeiro de 2015, intitulado “1º da população mundial detém 50% do PIB do planeta”, e no portal de notícias da BBC Brasil, em janeiro de 2016, sob o título “1º da população global detém a mesma riqueza dos 99% restantes, diz estudo”, abordam a conclusão de uma pesquisa realizada pela organização não-governamental britânica *Oxfam*, baseada em informações e dados do banco *Credit Suisse*. De acordo com a referida pesquisa, o nível de concentração econômica atinge no ano de 2016 uma marca sem precedentes na

história. A riqueza acumulada por cerca de 1% da fração mais rica da população mundial equivale, pela primeira vez, à riqueza dos demais 99% da população.

O artigo intitulado “A desigualdade racha Nova York em duas”, publicado no portal de notícias El País Brasil em janeiro de 2016, apresenta alguns dados sobre a desigualdade na cidade e estado de Nova York. A população de indigentes cresceu 86% em um período de dez anos, marca histórica atingida entre os anos de 2014 e 2015, período que coincidiu com a retomada do crescimento econômico e da geração de empregos. Entre os anos de 2001 e 2013 o faturamento dos negócios no estado de Nova York subiu 61%, enquanto que a renda dos trabalhadores cresceu apenas metade disso. A renda do 1% da população mais rica do estado subiu 32% entre os anos de 2009 e 2012, enquanto que o salário dos 99% restante cresceu cerca de 1%. Contudo, o atual quadro é singular e sua interpretação não deve estar restrita à noção quantitativa de mais desigualdade e pobreza. A partir da década de 1980, as dinâmicas que expulsam pessoas da economia e sociedade têm sido fortalecidas. Sassen (2015a) interpreta a emergência dessas dinâmicas de expulsão de projetos de vida, meios de vida e do contrato social como uma ruptura com o período keynesiano em que vigorou a tendência de incorporação ao sistema.

Sassen (2015a) propõe o conceito *expulsão* para apreender as propriedades dessas dinâmicas na nova fase econômica. O empobrecimento da classe média em países ricos, a expulsão de pequenos agricultores em países pobres, o incremento do número de pessoas impelidas a deslocamentos e mantidas em campos de refugiados, a elevação dos índices de encarceramento, a expansão do desemprego e a execução de hipotecas são alguns dos processos compreendidos pela noção de expulsão. Bauman (2009) também aponta para a centralidade do fenômeno social de exclusão para se referir a essa tendência sistêmica contemporânea. O processo de exclusão origina-se na dissolução do Estado Social e caracteriza-se hoje pelo aspecto definitivo. No caso específico da exclusão do trabalho, estar desempregado corresponde a ser supérfluo e eliminável. A expulsão conduz quase que inevitavelmente à condição de invisibilidade. Quando, por exemplo, uma contração econômica muito forte ultrapassa os limites dos instrumentos estatísticos, segundo Sassen (2015a), o espaço da economia é redefinido. Desse modo, parte significativa dos desempregados e população empobrecida é expulsa daquilo que se define como economia. Os expulsos tornam-se, assim, invisíveis às estatísticas econômicas oficiais.

### **2.1.1 A nova geografia do poder**

A globalização econômica transformou parcialmente, mas de maneira profunda, segundo Sassen (2004), a organização territorial da atividade econômica e o poder político dos Estados Nação. A dinâmica de localização de processos globais em territórios nacionais desligou a intersecção entre soberania e território que caracterizou o Estado e o sistema interestatal moderno. Contudo, não é apropriado supor que a globalização econômica tenha reduzido à importância do Estado nacional, pois a materialização de processos globais em territórios nacionais indica que participação dos Estados é necessária para o estabelecimento do sistema econômico global. Em decorrência dessa participação, o quadro institucional estatal baseado nos nexos entre a soberania/autoridade do Estado nação, território e população têm sido transformados. Os territórios nos quais os processos da globalização econômica se materializam, a constituição de um novo regime legal destinado a regular as transações econômicas transfronteiriças e as operações econômicas realizadas no espaço eletrônico contribuem para a formação de uma nova geografia do poder.

O Estado é reposicionado em um novo campo de poder constituído pela nova ordem institucional privada ligada à economia global, pelas redes internacionais de organizações não governamentais e pelo regime de direitos humanos (Sassen, 2010). A nova ordem institucional privada é dotada de uma sempre maior autoridade normativa e da capacidade de privatizar e desnacionalizar autoridades e políticas públicas. Uma nova normatividade que tem origem no poder privado, mas que se estabelece no domínio público e contribui para o processo de desnacionalização do que historicamente foi organizado mediante políticas nacionais.

A globalização é em parte endógena a esfera nacional e se produz através do que Sassen (2010) define conceitualmente de *desnacionalização* incipiente e parcial de ordens institucionais, políticas econômicas e públicas dos Estados nacionais. O conceito de desnacionalização abrange um conjunto de atividades que se situam em marcos institucionais nacionais, mas que se dirigem à consecução de programas econômicos e políticos não nacionais. A noção de desnacionalização permite evitar o jogo de soma zero entre Estado e globalização econômica presentes em muitos estudos.

Quando um componente do quadro institucional nacional é submetido ao processo de desnacionalização, o resultado será a sua transformação em uma espécie de espaço ordenado institucionalmente pela potência do capital global. Desse modo, uma instituição desnacionalizada contribui para o alinhamento de programas políticos nacionais às exigências da economia global. O banco central autônomo é um exemplo de instituição que tem sido transformada politicamente. A adoção de políticas de crescimento do PIB, austeridade,

balanço fiscal e de combate à inflação pelos mais diversos países revela a potência de ação e transformação de instituições e agências públicas pelas forças globais. A nova geografia dos processos econômicos impôs a necessidade da produção e legitimação de novos regimes legais pelo Estado. O capital global estabelece demandas ao Estado que tem respondido, segundo Sassen (2004), através da produção de novas modalidades legais. Os Estados tem desempenhado um papel fundamental na produção normativa para as novas formas de atividade econômica.

Desse modo, o emprego de conceitos como desregulamentação, liberalização e privatização para representar a autoridade do Estado com relação à economia são problemáticos, sustenta Sassen (2010), pois se referem apenas à renúncia do Estado em regulá-la. Esses conceitos não abrangem as formas pelas quais o Estado participa na produção de uma nova normatividade para a globalização econômica e as transformações pelas quais tem passado. Para compreender a globalização é necessário, afirma Sassen (2004), analisar a inovação legal que tem sido produzida e suas consequências à soberania dos Estados. Parte dessa produção tem contribuído para o fortalecimento da nova estrutura caracterizada pela desnacionalização e privatização. É o que salienta a filósofa do direito Ferrarese:

O direito “global” não é inexistente, mas se revela um objeto não facilmente visível, nem comodamente identificável. Este modo de existência do direito global corresponde a um contexto de profunda reorganização do poder, e também de forte mudança cultural, social e demográfica do mundo. O direito global é, ao mesmo tempo, causa e efeito das novas modalidades de organização do poder e da sociedade e está de acordo com um mundo em transformação, no qual o capitalismo está redesenhando simultaneamente as geografias do poder, a fisionomia da sociedade, e os organismos do direito e das instituições. (FERRARESE, 2012, p.6)

A emergência de uma normatividade orientada pela lógica operacional do mercado de capitais tem se sobreposto, de acordo com Sassen (2010), à produção de políticas econômicas nacionais. Sob a nova ordem normativa algumas reivindicações são deslegitimadas como é o caso, por exemplo, das relacionadas às questões de bem estar social, pois são consideradas empecilhos ao imperativo da competitividade. O Estado é dotado de uma capacidade técnico-administrativa que nenhuma estrutura institucional tem condições de reproduzir até o momento. O objetivo das empresas com atividades transnacionais é que o Estado exerça sua função tradicional de defensor dos direitos de propriedade e contratos. A transformação de componentes institucionais do Estado e a emergência de uma ordem institucional privada possuem a capacidade de alterar as condições essenciais à democracia liberal e estrutura do

direito internacional, ao alcance da autoridade estatal e do sistema interestatal, isto é, domínios institucionais fundamentais ao estado de direito.

### 3 A CIDADE GLOBAL

As imagens predominantes sobre a economia global remetem aos mais diversos movimentos dos fluxos das mercadorias, capitais e pessoas. Uma era caracterizada pela “mobilização global” (GALLI, 2002): a transferência instantânea de dinheiro, a economia da informação e a neutralização da distância por intermédio das tecnologias da informação. Contudo, aponta Sassen (1998b), tratam-se representações insuficientes para captar os impactos que a globalização econômica e a emergência da economia da informação exercem sobre as cidades. O processo de globalização econômica promove alterações nas ordens social, econômica e política dos Estados nacionais, das regiões transnacionais e das cidades. É a partir do estudo da cidade como o local no qual estão acontecendo processos globais que Sassen (1998b) busca definir novos conceitos para a compreensão da intersecção entre o global e o local. A *cidade global* é um dos novos conceitos propostos por Sassen (1998b) para o estudo do fenômeno da localização dos processos globais em territórios nacionais. O conceito de cidade global pressupõe que os processos globais podem ser analisados a partir das formas pelas quais se materializam em diferentes lugares. Logo, a globalização econômica pode também ser analisada, segundo Sassen (2007), a partir dos lugares estratégicos nos quais se materializam os processos globais e os vínculos que os conectam. As zonas francas de exportação, os centros bancários offshore e, em um elevado grau de complexidade, as cidades globais estão entre as localidades essenciais para a atual configuração do sistema econômico.

A nova geografia para a atividade econômica engendrada pelo espaço eletrônico não eliminou a necessidade por centros financeiros e comerciais, assim como, dos recursos materiais que os mesmos concentram. O espaço eletrônico constitui apenas uma parte, segundo Sassen (2007), de uma cadeia econômica mais ampla inserida em espaços não eletrônicos. Desse modo, a globalização econômica precisa ser compreendida a partir de suas múltiplas localizações e a cidade global pode ser entendida como uma instância estratégica. A cidade global é parte, por definição, de uma rede de cidades transfronteiriças que funcionam como lugares estratégicos para as diversas e complexas operações econômicas globais.

O conceito de cidade global proposto por Sassen (2009) abrange duas funções que caracterizam o espaço urbano contemporâneo, sendo elas: econômica e política. Em sua função econômica, afirma Sassen (1998a), a cidade global concentra tanto a infraestrutura quanto os recursos necessários para a produção de uma capacidade: a capacidade de controle



global e inovação. Em sua função política, aponta Sassen (2009a), a cidade global constitui o espaço estratégico para os grupos e indivíduos das mais variadas origens, pois é o espaço no qual essa diversidade se aglutina em dois grandes âmbitos: o do capital globalizado e o dos desfavorecidos da sociedade. O capital global torna-se, em seu momento urbano, concreto político e socialmente. Os desfavorecidos encontram na cidade global o espaço para se tornarem atores políticos. As cidades ressurgem como um problema fundamental nas investigações das Ciências Sociais, segundo Sassen (1998b), não apenas como objetos de estudo, mas também como lugares estratégicos para a teorização dos principais processos sociais, econômicos e políticos que se desenvolvem no presente.

### **3.1 A formação e o papel estratégico das cidades globais**

As transformações ocorridas na composição da economia mundial no sentido da prestação de serviços e da indústria financeira a partir da década de 1980 promoveram, de acordo com Sassen (1993), a renovada importância das grandes cidades. A combinação entre dispersão espacial das atividades econômicas e integração sob a condição de concentração do controle econômico, da propriedade e do lucro tem colaborado para o papel estratégico das maiores cidades na atual fase da economia global. A tendência à dispersão geográfica das atividades econômicas exigiu novas formas de centralização territorial da gestão de alto nível e do controle das operações.

As últimas duas décadas do século XX marcaram o surgimento de um tipo específico de cidade que passou a desempenhar, segundo Sassen (1998b), as funções de: 1) *postos de comando* na organização da economia mundial; 2) *lugares-chave e mercados* para as indústrias financeiras e de serviços especializados; 3) *campos de produção e inovação* às principais indústrias. O impacto da concentração de recursos estratégicos e a pesada influência das indústrias financeiras e de serviços especializados sobre a ordem social e econômica dessas cidades possibilitou o surgimento de um novo tipo de urbanização, de uma nova cidade. O conceito de cidade global de Sassen (1993) busca apreender toda esta novidade. As principais cidades que compunham a rede de cidades globais na década de 1980 eram Nova York, Londres e Tóquio. Nas décadas posteriores foram incorporadas nesta rede as cidades de São Paulo, Hong Kong, Toronto entre outras.

A globalização elevou o nível de complexidade das operações econômicas e contribuiu tanto para o incremento das funções de alto nível quanto para a expansão dos serviços corporativos avançados às empresas. O crescimento da importância dos serviços na

organização da economia é alimentado, de acordo com Sassen (1998a), pela demanda de todos os setores, desde a mineração até o setor financeiro. A dispersão da atividade econômica e a simultânea integração organizacional constituem o fator-chave que contribui para o crescimento da importância das funções corporativas centrais. A dispersão espacial da produção e a reestruturação da indústria financeira estabeleceram, aponta Sassen (1993), novas formas de centralização para o controle de uma rede de campos de produção e mercados financeiros, assim como, a emergência de núcleos de serviços centralizados. As novas tecnologias da informação exercem um papel fundamental ao permitirem as dinâmicas simultâneas de dispersão geográfica das operações das empresas globais, o controle centralizado e a organização integrada.

As condições sob as quais estas tecnologias estão disponíveis promovem, assinala Sassen (1993), a centralização das indústrias de informação intensiva nos centros de telecomunicações mais avançados, localizados em um número restrito de cidades ao redor do mundo. A representação espacial dessa lógica é expressa pelas altas densidades demográficas dos centros expandidos destas cidades e representam uma nova lógica de aglomeração. Essa imagem diverge da interpretação de que as cidades teriam seu papel reduzido e tornar-se-iam obsoletas devido a dispersão espacial das atividades econômicas promovida pelas tecnologias a informação.

A descentralização territorial da atividade econômica e a internacionalização do mercado financeiro mundial poderiam levar a supor a possibilidade de uma correspondente descentralização no domínio e da apropriação dos lucros, porém, para Sassen (1993), houve um reduzido movimento nessa direção pelo fato de que a dispersão ocorre sob a condição de concentração. A dinâmica fundamental é a de que quanto mais globalizada a economia, maior a convergência de funções centrais nas cidades globais.

O sistema econômico global não deve ser entendido como algo dado ou atribuído exclusivamente ao poder das grandes corporações. Saskia Sassen (1998a) adverte que é necessário investigar as formas pelas quais se produzem as condições para a globalização econômica, ressaltando, sociologicamente, que tanto o poder quanto o processo de determinação do senso do espaço, são feitos e criados por atores sociais segundo seus interesses e necessidades. Deve-se analisar a infraestrutura de serviços e os processos de trabalho envolvidos no estabelecimento do sistema econômico global, incluindo a produção de insumos que constituem a capacidade de controle global e os empregos necessários nessa produção. Desse modo, o foco estará voltado à prática do controle global, isto é, ao trabalho de produzir e reproduzir a organização de um sistema de produção e mercados financeiros

globais. O controle e o gerenciamento centralizados requerem, de acordo com Sassen (1993), a produção de uma série de serviços altamente especializados e de funções de gerenciamento e controle de alto nível que constituem a capacidade para o controle global. Ao concentrarem os principais produtores de insumos, algumas cidades tornaram-se centros de comunicação global e de gerenciamento à longa distância.

A cidade global é definida por Sassen (2007) como espaço de produção para as principais indústrias da informação com o objetivo de recuperar a infraestrutura de atividades, empresas e empregos necessários ao funcionamento da economia corporativa avançada. As indústrias da informação são geralmente representadas em termos da hipermobilidade de seus produtos e do alto nível de especialização de seus profissionais, mas essa representação predominante omite os processos de trabalho e os empregos não especializados que também fazem parte dessas indústrias.

A crescente importância dos serviços especializados na organização da economia e as condições que requerem como, por exemplo, as tecnologias da informação, combinam-se e tornam algumas cidades lugares-chave de produção. A aglomeração dos principais setores de serviços ao produtor nas cidades globais constitui um complexo de produção. Cidades globais são campos de produção e suas funções de comando central, processos de produção. Conforme assinala Sassen (1993), as cidades globais são complexos de produção voltados para: 1) os serviços avançados para o controle e gerenciamento de alto nível; 2) as inovações financeiras e criação de mercados à internacionalização e expansão da indústria financeira.

Quando os processos de produção das indústrias de serviços especializados e financeira são submetidos à análise emerge, segundo Sassen (1998b), uma configuração econômica distinta das representações dominantes da economia da informação. Nela está presente uma série de empregos que não são concebidos como componentes da economia global, tais como: as secretárias e os encarregados pela faxina dos prédios onde os profissionais de alto nível de especialização executam seu trabalho.

Um exame da economia urbana de serviços revela, de acordo com Sassen (2007), a existência de uma articulação de empresas, indústrias e empregos que à primeira vista poderiam parecer distantes de uma economia urbana dominada pelas indústrias de informação, mas que na realidade desempenham um importante conjunto de funções necessárias para o funcionamento de um sistema econômico global. Entretanto, essa articulação acontece sob condição de profunda segmentação social, salarial, gênero e étnica. O funcionamento do complexo de serviços altamente especializados localizados nas cidades

globais possui uma relevante parcela de empregos manuais e mal remunerados que frequentemente são ocupados por mulheres e imigrantes.

O novo sistema econômico atribui às cidades um papel mais importante do que aquele desempenhado durante o período keynesiano, mas, afirma Sassen (2009), com um alto preço social e político. A seguir serão abordados os principais impactos que o novo papel desempenhado pelas cidades numa economia global exerce sobre a ordem social urbana das cidades globais.

### **3.1.1 Impactos sobre a economia urbana**

A reestruturação econômica das cidades globais é assinalada por Sassen (2007) como uma nova espacialização das dinâmicas econômicas, políticas e culturais da globalização. O processo de reestruturação da ordenação do espaço local e nacional promove a manifestação de diversos fenômenos contraditórios e paradoxais: de um lado, as dinâmicas da globalização geram a homogeneidade de comportamentos e mentalidades voltadas à ação individual competitiva e consumista que visa produzir ou criar condições para acumular e possuir a maior quantidade de bens e prestígio; por outro lado, ocorre a tendência de polarização socioeconômica, o aumento de empregos mal remunerados e de escassas proteções sociais em um contexto de concentração urbana de riqueza e poder sem precedentes. A globalização tem contribuído, segundo Sassen (1998a), para a polarização social e econômica nas cidades.

O declínio de antigos centros de poder industrial e de cidades portuárias também está associado ao processo de globalização. Esses espaços econômicos fazem parte hoje de um extenso território que se tornou cada vez mais periférico e excluído dos processos que fomentam o crescimento econômico da nova economia global. Os novos processos associados ao crescimento econômico marcam a emergência de uma nova geografia de centralidade e marginalidade que atravessa a antiga divisão entre países ricos e pobres. O estabelecimento do novo núcleo econômico de atividades profissionais e do setor de prestação de serviços deve ser analisado a partir, adverte Sassen (1998b), do contexto de direcionamento para uma economia baseada em serviços e da decadência do setor manufatureiro. A nova estrutura da atividade econômica transforma a organização do trabalho através da tendência de polarização de tipos de emprego e remunerações. Os principais setores econômicos contemporâneos caracterizam-se pela concentração de um grande número de empregos muito bem e muito mal remunerados.

Ainda que os estratos sociais intermediários constituam a maioria, as condições que contribuíram para sua expansão e seu poder político-econômico durante as décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial estão sendo substituídas, sustenta Sassen (2007), por outras associadas às novas fontes de crescimento. A forma de crescimento econômico do pós-guerra que possibilitou a expansão da classe média e a contenção da desigualdade esteve centrada, conforme Sassen (1998b), em um regime econômico baseado na produção e consumo de massa. O alto nível de sindicalização e outras formas de fortalecimento dos trabalhadores estiveram associados à centralidade da produção e consumo de massa para o crescimento econômico.

Uma organização do trabalho polarizada provoca a ruptura da dinâmica tradicional pela qual o pertencimento ao principal setor da economia estabelecia as condições para a constituição de uma “aristocracia operária” e de sindicatos fortes. A polarização do mercado de trabalho, imobiliário e da estrutura de consumo não significa o fim da classe média, mas a emergência de uma tendência que contribui, de acordo com Sassen (2003), mais para a promoção da desigualdade do que para a expansão de um estrato médio. Não se trata apenas de uma transformação quantitativa, mas os sinais do surgimento de um novo regime econômico.

Saskia Sassen considera que a formação das cidades globais implica quatro grandes processos econômicos e políticos: 1) a dispersão geográfica das indústrias criou a demanda pela expansão da gestão e planejamento centralizados e os necessários serviços especializados, elementos-chave de crescimento das cidades globais; 2) o crescimento da indústria financeira, favorecida pelas políticas e condições que prejudicam outros setores da economia; 3) a transformação nas relações econômicas entre as cidades globais, Estados nacionais e a economia mundial. Em fases anteriores da economia havia uma estreita correspondência entre setores da economia de maior crescimento e o crescimento nacional. Atualmente, o crescimento das cidades globais pode envolver o declínio de outras áreas do país e o aumento da dívida do governo; 4) o quarto processo remete às novas condições de crescimento que possibilitaram o surgimento de uma classe alinhada às cidades globais. A estrutura ocupacional das indústrias de maior crescimento contribui para a formação de uma massa de trabalhadores de renda polarizada. Isso acontece de forma direta, através da organização e estrutura ocupacional e, indireta, por meio da estrutura de consumo dos trabalhadores de altos salários.

A localização de processos globais nas grandes cidades tem significado, segundo Sassen (1998a), que o setor internacionalizado da economia tem se ampliado e imposto uma

nova dinâmica de valorização das atividades e produtos econômicos. A nova dinâmica de valorização provoca sérias consequências para amplos setores da economia urbana. Os novos critérios de valorização representam indícios da emergência de um novo regime econômico caracterizado pela tendência à polarização da disposição espacial da economia urbana, das estruturas de reprodução social e da organização do processo de trabalho. A partir dessas tendências à polarização estabelecem-se as condições para o surgimento de uma nova forma de pobreza e marginalidade urbana centrada no trabalho (não no desemprego) e para novas formações de classe.

A ascensão da economia urbana de serviços especializados e, especialmente, o novo complexo financeiro são interpretados por Sassen (2008) como um novo regime econômico e político, pois esses setores se impõem sobre os demais componentes da economia urbana através de sua grande rentabilidade que implica na desvalorização da atividade industrial e dos serviços de pouco valor agregado. A grande rentabilidade tem origem na combinação complexa de três novas tendências: 1) o desenvolvimento de novas tecnologias e a desregulamentação dos mercados que potencializam a hipermobilidade do capital; 2) as inovações financeiras que permitem liquidificar o capital através da titularização e, desse modo, gerar ganhos adicionais; 3) o crescimento na demanda por serviços especializados que tem contribuído para a sua sobrevalorização.

A configuração da nova economia urbana é altamente problemática, segundo Sassen (2003), pois a sobrevivência de setores econômicos tradicionais é ameaçada pela superioridade da realização de lucros dos serviços especializados e das finanças, apesar de serem fundamentais para a operação da economia urbana e ao atendimento das necessidades de seus moradores. A polarização da capacidade de obtenção de lucros de diferentes setores econômicos está gerando distorções nas operações de vários mercados como, por exemplo, os mercados do espaço urbano e de trabalho.

As transformações econômicas e sociais desencadeadas a partir da década de 1980 adotam, de acordo com Sassen (1998b), características específicas nos mercados de trabalho urbano. A transformação no funcionamento desses mercados repousa nas alterações do equilíbrio ocupacional e industrial de empregos que, por sua vez, tem impactos sobre as características do emprego, tais como, nível salarial, estabilidade e tipos de empregos disponíveis. As transformações do mercado de trabalho ocorrem nos âmbitos da demanda e da oferta. Na demanda, inclui a nova flexibilidade que pode traduzir em mais empregos temporários ou de turno parcial. Na dimensão da oferta, trabalhadores sujeitam-se a empregos cada vez menos atraentes devido aos altos níveis de desemprego. Por um lado, essas

transformações têm conduzido à desestabilização do emprego, tornando-o cada vez mais ocasional e informal, por outro, acarretam a crescente polarização de oportunidades de empregos e novos tipos de divisão social.

A globalização não pode ser reduzida apenas às transações comerciais e a criação de mercados, ela também implica, sustentam Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim em *Geração Global* (2008), a destruição de direitos e proteções sociais. O mundo do trabalho passa a ser determinado pelos princípios de desregulamentação e flexibilização que conduzem à redução de postos de trabalho fixos, contratos de curta duração e insegurança. A flexibilidade temporal e a mobilidade geográfica imposta pelo trabalho exigem constante adaptação por parte do trabalhador. A transformação estrutural do mundo do trabalho atinge particularmente os jovens, pois estes estão totalmente expostos à livre concorrência. A sensação de insegurança crescente entre os jovens é uma experiência transfronteiriça e geracional comum.

Artigo publicado em maio de 2015 no portal eletrônico do jornal *El País - Brasil*, intitulado “*Trabalhadores ultraflexíveis: Os „contratos de zero hora”, sem garantias de salário mínimo, proliferam no Reino Unido*”, aborda a expansão da modalidade do „contrato de zero hora” a partir da crise financeira de 2008, representando atualmente 2,3% da força de trabalho britânica. O perfil dos trabalhadores desta modalidade é composto por mulheres, jovens com idade inferior a 25 anos e idosos acima de 65 anos. Esse tipo de contrato não assegura ao trabalhador uma carga horária mínima mensal, tampouco um salário mínimo. Os contratos flexíveis exigem que os trabalhadores estejam à disposição dos empregadores 24 horas por dia e impedem, frequentemente, que se tenha outro emprego.

A globalização tem gerado localizações que apresentam, segundo Sassen (2008), uma demanda crescente por diferentes tipos de trabalhadores. A cidade global possui um papel estratégico entre essas localizações devido à intensa demanda por profissionais de alto nível e trabalhadores não especializados e de baixos salários. O crescimento das atividades de coordenação e gestão dos processos econômicos globais tem elevado a demanda por profissionais altamente especializados e remunerados. Contudo, tanto as empresas quanto os modos de vida destes profissionais tem criado um demanda significativa por trabalhadores do setor de serviços com baixos salários. A incorporação desses trabalhadores de salários modestos ocorre de forma direta, através da organização do trabalho, e indiretamente por meio da estrutura de consumo.

Um olhar voltado aos processos de produção da indústria financeira e dos serviços especializados revela, salienta Sassen (1998b), a questão do trabalho. O crescimento desses

setores não se traduz apenas na geração de empregos técnicos e administrativos de altos salários, mas também de empregos que não exigem especialização e que oferecem baixa remuneração e reduzida perspectiva de progresso.

A presença de um setor altamente dinâmico e com distribuição de renda polarizada induz, assinala Sassen (1993), a criação indireta de baixa renda através da estrutura de consumo. A expansão da força de trabalho de alta renda e a constituição de novas formas culturais tem gerado um processo de sofisticação do estilo de vida que repousa sobre a disponibilidade de uma vasta oferta de trabalhadores de baixos salários. Também tem criado uma nova demanda por profissões domésticas como, por exemplo, diaristas e babás. A expansão dos empregos precários está relacionada, do ponto de vista de Sassen (1998b), com a reorganização da relação capital-trabalho e à ruptura da dinâmica que funcionou como fonte de empoderamento dos trabalhadores: estar empregado nos setores de crescimento.

As transformações ocorridas na organização da atividade econômica a partir da década de 1980 têm contribuído, segundo Sassen (2008), para o aumento de empregos de baixos salários nos centros econômicos mais desenvolvidos e estratégicos da atualidade, localizados no norte e sul global, e colaborado para a insegurança econômica generalizada e ao aparecimento de novas formas de pobreza entre os trabalhadores, mesmo quando empregados. Há três processos que engendram as novas formas de desigualdade, sendo eles: 1) crescente desigualdade na capacidade de geração de lucro dos diferentes setores econômicos e a desigualdade na capacidade de renda de distintos tipos de trabalhadores; 2) tendência à polarização socioeconômica que resulta da organização do setor de serviços; 3) geração da marginalidade urbana como consequência dos novos processos estruturais do crescimento econômico.

Uma organização polarizada dos empregos no setor de serviços provoca, de acordo com Sassen (2003), a reestruturação do mercado de trabalho através de duas tendências: 1) redução do papel das empresas na organização da relação de emprego, função exercida atualmente pelo mercado; 2) transferência das funções do mercado de trabalho ao domicílio e comunidade. Essas tendências levam à precarização das relações de emprego, ao enfraquecimento da posição reivindicatória dos trabalhadores e potencial marginalização institucional do emprego na economia.

A informalização é concebida por Sassen (2007) como mais uma localização dos processos globais. Ela reintroduz as categorias comunidade e domicílio como espaços econômicos importantes da cidade global, contrastando com o período do fordismo quando o trabalho remunerado foi retirado do espaço do domicílio. A informalização em economias



urbanas avançadas pode ser definida como um equivalente da desregulamentação. Ambas podem ser entendidas como ajustes em um contexto de tensão entre novas tendências econômicas e antigas regulamentações.

O desenvolvimento das cidades precisa ser analisado, adverte Sassen (2003), a partir das transformações ocorridas na organização das economias avançadas. Uma forma de compreender essas transformações é interpretá-las como transições sistêmicas entre diferentes modos de organização econômica e social. Desse modo, o aumento da desigualdade socioeconômica e espacial pode ser entendido como uma reestruturação socioeconômica e o surgimento de novas formas sociais, conflitos e alienações de classe.

#### 4 A POLÍTICA COMO LUGAR

Após o esforço de apresentar as principais implicações sobre a soberania e quadro institucional do Estado Nacional e à economia urbana resultantes da emergência de um novo tipo de ordenação da cidade e do seu papel fundamental para o funcionamento de uma economia globalizada a partir da década de 1980, esta seção será dedicada à apreensão da dimensão política da cidade global a partir de um olhar direcionado aos movimentos sociais de tipo ocupe que eclodem em todo o mundo neste início de século XXI.

Passadas três décadas de desenvolvimento das principais tendências engendradas pela globalização econômica, os resultados mais visíveis em todo o globo são o processo de empobrecimento da classe média, a precarização das relações de trabalho, o déficit democrático, a polarização social em escala nunca vista, a expulsão de pessoas da sociedade e a sensação de constante insegurança tanto em países de economia avançada quanto nos periféricos. Após todas essas consequências, a crença na promessa de que um dia todos teriam direito a uma fatia do bolo do crescimento econômico promovido pela globalização é dissipada. O aprofundamento da desigualdade e a lógica das expulsões de projeto de vida de classe média entre outras formas são as condições estruturais que atravessam todos os países e caracterizam, adverte Sassen (2011), a era global. Novamente, as cidades que compõem a rede de cidades globais são o espaço no qual os desdobramentos dessa conjuntura podem ser constatados e analisados empiricamente, mas agora no âmbito da política.

A classe média é quem melhor reflete, de acordo com Sassen (2015), a contradição do sistema capitalista contemporâneo, pois é ao mesmo tempo aquela que mais ganhou e tem perdido com o estado liberal. Dessa forma, converte-se em ator histórico e elemento revolucionário, mesmo que não realize uma revolução. Para Sassen (2011), atualmente há dois agentes históricos: o capital global e o grupo heterogêneo de pessoas em desvantagem social que habitam as grandes cidades. O agente capital global é composto por uma elite global formada por proprietários de grandes patrimônios, banqueiros, grandes empreendedores, top managers, altos dirigentes de grandes indústrias, corporações e do sistema financeiro, funcionários de organismos internacionais, grandes proprietários de terra, advogados das grandes bancas, veículos de comunicação de massa e classe política que controlam o poder através do acúmulo de capitais (econômicos, políticos e culturais) e do uso instrumental das tecnologias da informação e comunicação. O último agente compreende as minorias das grandes cidades: os empobrecidos, os imigrantes e os discriminados. As pessoas em desvantagem social encontram-se dispersas e esta é uma das razões pelas quais tem

ocorrido um grande número de manifestações de rua com caráter de reivindicação social em todo o mundo.

Na era global, os movimentos sociais diferem-se de suas versões anteriores, mas para compreendê-los é necessário, primeiramente, entender como o poder na sociedade contemporânea está organizado. Para esta tarefa será empregada a análise apresentada por Manuel Castells em seu livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. O poder na sociedade em rede é multidimensional e está organizado, aponta Castells (2015), a partir de redes em cada domínio da atividade humana. Dentre as principais, as redes de comunicação possuem um papel fundamental para a construção de poder, pois têm a capacidade exercer influência sobre as pessoas. A construção de significado na mente humana é um dos meios pelos quais o poder é exercido na sociedade em rede, ao lado do monopólio da violência do Estado. As distintas redes de poder como a financeira, política, cultural, comunicacional e etc. são independentes e combinam-se com o objetivo de determinar as normas da sociedade a partir de um sistema político que atenda seus interesses e valores. Desse modo, a construção de uma rede de poder entorno do Estado e sistema político é importante para a constituição de uma rede geral de poder.

Sendo assim, qualquer alteração que ocorra no ambiente da comunicação tem a capacidade de produzir impactos sobre o processo de construção de significado e, conseqüentemente, nas relações de poder. A principal transformação ocorrida no campo da comunicação foi o surgimento, de acordo com Castells (2015), da autocomunicação de massa, isto é, o emprego da internet e das redes sem fio como plataforma de comunicação digital. A autocomunicação de massa disponibiliza a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social individual e coletivo em relação às instituições da sociedade.

Para Castells (2015), os movimentos sociais da sociedade em rede exercem a função de contrapoder a partir da autonomia de comunicação proporcionada pelas redes da internet e plataformas de comunicação sem fio. O contrapoder é o esforço empreendido no sentido de alterar os interesses e valores que orientam as relações de poder dominantes. A importância de compreender como o poder é organizado na sociedade em rede se deve ao fato de que o contrapoder representado pelos movimentos sociais também é formado e exercido através de redes digitais, mas não se restringem apenas ao espaço virtual.

As redes sociais digitais constituem apenas uma das dimensões do processo comunicativo entre movimentos sociais e a sociedade. A comunicação entre os movimentos sociais e a sociedade também se realiza, conforme Castells (2015), a partir do estabelecimento de comunidades livres através da ocupação do espaço urbano e de prédios simbólicos. No

espaço ocupado cria-se uma comunidade que contribui para a superação do medo inicial de engajamento no movimento social, estabelece-se um espaço para reivindicação do direito à cidade e, por fim, institui um espaço político em que se recupera o direito de representação por meio da participação em assembleias. Para o sociólogo Castells (2015), o espaço público criado pelos atuais movimentos sociais é um espaço híbrido situado entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado e caracteriza-se por ser um espaço de comunicação autônoma.

A humilhação provocada pelas diferentes redes de poder da sociedade está na origem da emergência de uma série de movimentos sociais que, de acordo com Castells (2015), assemelham-se pelo objetivo comum da busca por dignidade. Os movimentos dos indignados assinalam, ressalta Sassen (2015b), o surgimento de outro tipo de política ao não estarem associados aos partidos políticos tradicionais. Os movimentos 15-M da Espanha e Occupy Wall Street dos Estados Unidos foram, grosso modo, o brado de protesto daqueles que tiveram suas condições de existência precarizadas pelo domínio de atores econômicos sobre a política e medidas de austeridade adotadas por seus respectivos governos na condução da recuperação da crise financeira de 2008. Governos que eximiram de responsabilidade os autores da crise em detrimento da população em geral, apenas para citar dois exemplos de movimento de tipo ocupe em países ocidentais.

A ocupação do espaço urbano pelos movimentos sociais estabelece um novo território no qual, de acordo com Sassen (2011), reelabora-se temporariamente a antidemocrática lógica do poder e se redefine o papel dos cidadãos. O território é um vetor estratégico e uma condição complexa no qual estão presentes a lógica do poder e da reivindicação. As cidades que compõem a rede de cidades globais emergem como espaços fundamentais para que os impotentes, isto é, os indivíduos em desvantagem social, possam fazer história. Desse modo, ocupar significa fazer história.

Quando as pessoas tornam-se visíveis umas às outras modificam, assinala Sassen (2011), a condição de sua impotência. A impotência torna-se complexa, isto é, portadora da capacidade de fazer história. O objetivo dos ocupadores não é o de arrebatá-lo, mas o de revelar as falhas da política e da sociedade.

Em suma, os movimentos de tipo “Ocupe” constituem um processo emergente definido por Sassen (2011) como “rua global”. O movimento “rua global” estabelece a rua como o espaço para que aqueles privados do acesso aos instrumentos tradicionais de poder reformulem o social e o político.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro esforço empreendido neste trabalho consistiu em fornecer um breve panorama das principais transformações ocorridas nos âmbitos da economia, política e sociedade provocadas pela confluência de eventos que marcaram as duas últimas décadas do século XX, tais como: a derrocada do bloco soviético e o fim do mundo bipolar, o triunfo do capitalismo e a primazia de políticas-econômicas liberais, o vertiginoso desenvolvimento das tecnologias de informação e a globalização econômica.

O modelo de organização social baseado na soberania territorial do Estado nacional, nas políticas keynesianas de bem-estar social, na produção e consumo de massa do fordismo, na expansão da classe média e no poder político da classe trabalhadora que emergiu a partir dos anos posteriores à segunda-guerra mundial atingiu seu esgotamento no fim do século XX. Desse modo, a passagem para o século XXI também deve ser apreendida como um processo de transição para uma nova forma de organização social em vias de formação e, portanto, como uma ruptura histórica.

As transformações do conteúdo da economia, da geografia dos espaços de produção e das transações econômicas, dos processos de produção e tipos de empregos, da relação entre política e economia, sociedade, cultura e consumo estão todas relacionadas à constituição de um sistema econômico global a partir da década de 1980. O fenômeno da globalização econômica e suas consequências impuseram novos desafios epistemológicos às ciências sociais, pois os paradigmas clássicos e o aparato conceitual construído a partir da escala nacional tornaram-se insuficientes para o estudo da nova realidade em processo de formação.

É precisamente a partir desse contexto que desafia os cientistas sociais que o pensamento da socióloga Saskia Sassen deve ser situado e compreendido. Através de seu conceito de cidade global, objeto de estudo deste trabalho, Sassen propõe que a globalização econômica pode ser analisada a partir das implicações da dinâmica de localização de processos globais em territórios e instituições nacionais, isto é, através do estudo da intersecção entre as escalas local e global. Para a socióloga holandesa e norte-americana, a localização de processos globais e a formação de espaços transnacionais em territórios nacionais são os traços distintivos da atual fase da economia mundial e que destacam a importância do papel de unidades subnacionais para o funcionamento do sistema econômico global.

As alterações da composição, geografia e quadro institucional da economia e o incremento da mobilidade transnacional do capital impactaram o destino das principais

idades do norte e sul global. De acordo com a tese apresentada por Sassen, a partir dos anos 1980 as finanças e os serviços especializados estabeleceram-se como os principais componentes das transações econômicas internacionais. Por sua vez, o novo conteúdo da economia exigiu a formação de um quadro institucional específico composto pelos mercados financeiros, pelas empresas de prestação de serviços avançados, sedes de bancos e corporações multinacionais que estão no centro do atual processo de geração de riqueza e localizam-se em cidades que constituem a rede de cidades globais.

A integração das transações econômicas espacialmente dispersas pela globalização ocorre sob a condição de concentração do controle econômico, da propriedade e do lucro. Sendo assim, a dispersão espacial da atividade econômica impôs demandas por novas formas de centralização territorial da gestão de alto nível e do controle das operações econômicas. As cidades globais são os espaços nos quais se concentram as condições para a produção de insumos para a capacidade de controle global.

O fim da Guerra Fria conduziu ao que Sassen considera como uma das fases mais brutais da modernidade: a radical reestruturação do sistema capitalista. A nova fase do capitalismo caracteriza-se pela forte tendência à concentração extrema e lógica de expulsão de pessoas da economia e sociedade. O estabelecimento das finanças e dos serviços avançados como os principais conteúdos das transações econômicas estimulou a tendência ao crescimento da desigualdade social. Logo, a desigualdade deve ser entendida não como uma anomalia, mas como parte inerente da nova configuração econômica.

A nova estrutura da economia difere-se daquele regime econômico baseado na produção e consumo de massa que contribuiu para a redução da desigualdade extrema e estimulou o desenvolvimento de uma ampla classe média durante a segunda metade do século XX. Atualmente, a combinação entre inovações tecnológicas nos campos da comunicação e informação, financeirização da economia e anuência governamental está na origem do que Sassen define conceitualmente de formação predatória que caracteriza-se pela tendência à concentração extrema sem precedentes.

O processo reestruturação da economia desencadeou alterações de natureza sistêmica e espacial. O predomínio de políticas-econômicas que estimulam a desregulamentação e a privatização constitui uma das principais mudanças de caráter sistêmico. Por sua vez, a transformação de extensas áreas em zonas extremas para a extração de lucros, como são os casos das cidades globais e dos espaços para o trabalho terceirizado, assinalam a reorganização geográfica para a atividade econômica. A nova geografia econômica implicou consequências de natureza política aos Estados nacionais, pois a dinâmica de

localização dos processos globais em territórios nacionais rompeu com a lógica da intersecção entre soberania e território que caracterizou o Estado e o sistema interestatal moderno. Além disso, a dinâmica de localização também desencadeou a ruptura do vínculo entre poder e política.

A dinâmica de localização dos processos globais demonstra a participação necessária do Estado nacional no estabelecimento do sistema econômico global. O Estado tem desempenhado um papel fundamental na produção legal para as novas formas de atividade econômica. Ao participar do estabelecimento da economia global, o funcionamento do Estado é transformado pelo processo que Sassen define de desnacionalização incipiente e parcial do quadro institucional e das políticas econômica e pública. O conceito de desnacionalização refere-se ao conjunto de atividades desempenhadas por instituições historicamente representadas como nacionais, mas que hoje operam para o alinhamento da agenda política nacional às exigências do capital global. Sassen compreende que o novo regime legal e o espaço eletrônico para as transações econômicas contribuíram para a formação de uma nova geografia do poder na qual o Estado é reposicionado em um arranjo composto pela nova ordem institucional privada e redes internacionais de organizações não governamentais.

O conceito de cidade global de Saskia Sassen abrange duas funções que caracterizam o espaço urbano contemporâneo, sendo elas: econômica e política. A função econômica advém da concentração de infraestrutura e recursos necessários para a inovação e produção da capacidade de controle global das atividades espacialmente dispersas. A cidade global também é provida de uma função política porque é o lugar no qual se concentra um grande número de indivíduos desprovidos de garantias sociais e possibilidades de uma vida digna. A crescente presença desses indivíduos confere à cidade global uma importância fundamental, pois a converte em espaço estratégico no qual podem se tornar atores políticos e “fazer história”.

A transformação da composição da economia mundial no sentido da prestação de serviços e da indústria financeira renovou a importância das grandes cidades. A combinação entre dispersão espacial da atividade econômica e integração sob a condição de concentração do controle econômico, da propriedade e do lucro tem colaborado para o papel estratégico das maiores cidades na atual fase da economia global. A dispersão espacial da atividade econômica promovida pela globalização requereu novas formas de centralização territorial da gestão e do controle das operações. As novas tecnologias da informação permitiram a dispersão geográfica das operações das empresas globais, o controle centralizado e a organização integrada, mas contribuíram para a concentração das indústrias de informação

nos centros de telecomunicações mais avançados que estão presentes em um número reduzido de cidades ao redor do mundo.

As cidades globais são postos de comando para as transações econômicas, mercados-chave para as indústrias financeiras e de serviços especializados e complexos de produção para as indústrias líderes. A concentração dos recursos estratégicos para o funcionamento do sistema econômico global tem impactado a ordem social urbana e tem favorecido o surgimento de um novo tipo cidade.

Opondo-se às interpretações reducionistas que atribuem ao poder das corporações transnacionais a existência e um sistema econômico global, Sassen propõe a investigação das formas pelas quais são produzidas em escala subnacional as condições necessárias ao funcionamento da economia global. O olhar do cientista social deve estar voltado à indústria de serviços e aos processos de trabalho envolvidos no estabelecimento do sistema econômico global, incluindo a produção de insumos que constituem a capacidade de controle global e os tipos de empregos requisitados. Desse modo, a atenção deve estar dirigida à prática do controle global, isto é, o trabalho de produzir e reproduzir a organização de um sistema de produção e mercados financeiros globais.

A cidade global é definida por Sassen como um complexo de produção para as principais indústrias da informação com o objetivo de recuperar a infraestrutura, empresas e empregos necessários ao funcionamento da economia corporativa avançada. O estudo do processo de produção das indústrias de ponta revela a existência de empregos que não condizem com a representação dominante da economia informacional. A abordagem proposta por Sassen demonstra que o processo de produção da economia urbana de serviços possui uma série de empregos manuais, não especializados e mal remunerados que ao lado de profissionais altamente qualificados e bem remunerados constituem a economia avançada.

A reestruturação da economia urbana tem promovido a tendência à polarização socioeconômica e o aumento do número de empregos de baixa remuneração em um contexto de concentração urbana de riqueza e poder sem precedentes. A localização dos processos globais nas grandes cidades tem significado a expansão do setor internacionalizado da economia e o estabelecimento de uma nova dinâmica de valorização das atividades e produtos econômicos que atinge todos os setores da economia urbana.

O novo regime econômico tem promovido a polarização espacial da economia urbana, da estrutura de reprodução social, da organização do processo de trabalho e estabelecido condições para o surgimento de novas formações de classe, formas de pobreza e marginalidade urbana baseada no trabalho. O aprofundamento da desigualdade e a lógica de



expulsões são condições estruturais que atravessam em diferentes proporções todos os países nesta era global. Em sua dimensão política, o espaço urbano da rede de cidades globais torna-se o ambiente fundamental para as pessoas em desvantagem social, pois é nele que se tornam visíveis umas às outras e podem alterar a sua condição de impotência e opor-se às tendências sistêmicas predatórias.

Os movimentos de ocupação de áreas estratégicas do espaço urbano e prédios simbólicos que ocorrem em todo o mundo são uma reação daqueles que foram afetados pelos processos de empobrecimento, precarização das relações de trabalho, déficit democrático e aprofundamento da desigualdade social desencadeados ou aprofundados pela globalização econômica. A ocupação tem se tornado a forma característica de protesto social deste início de século XXI. Através da ocupação de praças, centros financeiros, prédios associados ao poder econômico e político reivindica-se os direitos à cidade e a uma vida digna. Nos espaços ocupados são estabelecidos “novos territórios” nos quais se reelabora temporariamente a antidemocrática lógica do poder e se redefine o papel dos cidadãos.

Os protestos genericamente conhecidos como movimentos dos indignados são apontados por Sassen como o sinal da emergência de uma nova forma de fazer política. Esses movimentos se opõem à estrutura tradicional representativa, pois atribuem aos partidos políticos parte da responsabilidade pela degradação das condições de vida da população. Os movimentos de tipo “ocupe” constituem um processo emergente definido por Sassen de “rua global”. Os movimentos abrangidos pelo conceito “rua global” transformam a rua em espaço de contestação e reivindicação para aqueles foram privados do acesso aos instrumentos tradicionais de poder.

Em síntese, as cidades globais de Saskia Sassen são espaços de importância estratégica para o funcionamento do sistema econômico global e para a ação política. Essas cidades concentram a infraestrutura, tecnologias e recursos humanos que constituem o complexo de produção da capacidade de controle que demanda uma economia globalizada. Por outro lado, emergem como espaços fundamentais para a ação política por aqueles que sofrem as consequências negativas da globalização econômica. Logo, é possível analisar as principais tendências que podem definir o futuro da humanidade a partir do espaço urbano das cidades que constituem a rede de cidades globais.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **La distancia entre pobres y ricos está agrandándose a un ritmo sin precedentes**. [fev. 2014]. Entrevistador: Alfonso Armada Alfarmada. Madrid: Diario ABC, 25 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.abc.es/cultura/libros/20140221/abci-entrevista-zygmont-bauman-desigualdad-201402211955.html>. Acesso em: 29 set. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalizzazione del potere e crisi della politica. Intervista a Zygmunt Bauman**. [set. 2012]. Entrevistador: Massimo Di Forti. Roma: La Repubblica, 11 de setembro de 2012b. Disponível em: < <http://temi.repubblica.it/micromega-online/globalizzazione-del-potere-e-crisi-della-politica-intervista-a-zygmunt-bauman/>> Acesso em: 12 fev. 2016
- BAUMAN, Zygmunt. Il futuro fra mercati e Stati-nazione. **La Repubblica**, Roma, 08 jun. 2012a. Disponível em: < <http://temi.repubblica.it/micromega-online/il-futuro-fra-mercati-e-stati-nazione/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. O triplo desafio. **Revista Cult**, nº 138, São Paulo, 03 ago. 2009. Disponível em: < [evistacult.uol.com.br/home/2010/03/inedito-o-triplo-desafio/](http://evistacult.uol.com.br/home/2010/03/inedito-o-triplo-desafio/)>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. 1ª. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Tradução de: Eliana Aguiar.
- BBC BRASIL. **1% da população global detém mesma riqueza dos 99% restantes, diz estudo**. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118\\_riqueza\\_estudo\\_oxfam\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_riqueza_estudo_oxfam_fn)>. Acesso em: 03 fev. 2016.
- BECK, Ulrich. Primeira parte: Introdução. In: BECK, Ulrich. **O que é globalização?:** equívocos do globalismo respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 13-38. Tradução de: André Carone.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Generación global**. 1ª ed. Barcelona: Paidós, 2008.
- BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información. Editorial Taurus, Madrid 1997. México 2000.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DIARIO CLARIN. **De ciudadanos a meros sobrantes**. Disponível em: <[www.clarin.com/opinion/ciudadanos-meros-sobrantes\\_0\\_281372008.html](http://www.clarin.com/opinion/ciudadanos-meros-sobrantes_0_281372008.html)>. Acesso em: 11 mai. 2015.
- EL PAIS BRASIL. **A desigualdade racha nova york em duas**. Disponível em: <[brasil.elpais.com/brasil/2016/01/02/internacional/1451775291\\_943339.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/02/internacional/1451775291_943339.html)>. Acesso em: 03 jan. 2016.

EL PAIS BRASIL. **A marcha da dignidade toma o centro de madri com milhares de pessoas.** Disponível em: <brasil.elpais.com/brasil/2014/03/22/internacional/1395521928\_044887.html>. Acesso em: 05 mai. 2015.

EL PAIS BRASIL. **Trabalhadores ultraflexíveis.** Disponível em: <brasil.elpais.com/brasil/2015/05/01/internacional/1430504838\_853098.html>. Acesso em: 06 nov. 2015.

EL PAÍS BRASIL. **Trabalhadores ultraflexíveis.** Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/01/internacional/1430504838\_853098.html>. Acesso em: 06 nov. 2015.

EL PAIS. **El precio de la desigualdad.** Disponível em: <economia.elpais.com/economia/2012/06/15/actualidad/1339754056\_983920.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.

EL PAÍS. **1% da população mundial concentra metade de toda a riqueza do planeta.** Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/economia/1444760736\_267255.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.

EL PAÍS. **El precio de la desigualdad.** Disponível em: <http://economia.elpais.com/economia/2012/06/15/actualidad/1339754056\_983920.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.

ESTADO DE SÃO PAULO. **1% da população mundial detém 50% do pib do planeta.** Disponível em: <economia.estadao.com.br/noticias/geral,1-da-populacao-mundial-detem-50-do-pib-do-planeta,1621754>. Acesso em: 03 fev. 2016.

IANNI, Octavio. Globalização e a nova ordem internacional In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C., org. **O século XX, o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERRARESE, Maria Rosaria. **Prima lezione di diritto globale.** 1ª ed. Roma: Editori Laterza, 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Um terço dos muito pobres tem emprego, aponta pesquisa mundial da OIT.** Disponível em: </www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/05/1772869-um-terco-dos-muito-pobres-tem-emprego-aponta-pesquisa-mundial-da-oit.shtml>. Acesso em: 24 mai. 2016.

FREITAG, Barbara. **Teorias da cidade.** 4 ed. Campinas: Papirus, 2010.

GALLI, Carlos. **Espacios políticos: la edad moderna y la edad global.** 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

GALLINO, Luciano. Nuevos pobres: conversación con Luciano Gallino sobre la globalización. In: CIAPPI, Silvio (Ed.). **Periferias del imperio: Poderes globales y control social**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2006.

GORZ, André. **Misérias do presente, riqueza do possível**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

IANNI, Octavio. AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA ÉPOCA DA GLOBALIZAÇÃO. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, [s.l.], v. 13, n. 37, p.33-41, jun. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69091998000200002>.

IANNI, Octavio. Globalização e a nova ordem internacional In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C., org. O século XX, o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IANNI, Octavio. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 8, n. 21, p.147-163, ago. 1994. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141994000200009>.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **1% da população mundial detém 50% do pib do planeta..** Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,1-da-populacao-mundial-detem-50-do-pib-do-planeta,1621754>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

SASSEN, S. ¿Quién traza los bordes globales? **Clarín**, Buenos Aires, 26, nov. 2014. Revista de Cultura Ñ, Ideas. Disponível em: [http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/traza-bordes-globales\\_0\\_1253274685.html](http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/traza-bordes-globales_0_1253274685.html). Acesso em: 19 jan. 2015.

SASSEN, S. ¿Quiénes son los dueños de las ciudades? **Clarín**, Buenos Aires, 21, jun. 2015. Revista de Cultura Ñ, Ideas. Disponível em: [http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/duenos-ciudades-urbanismo\\_0\\_1396060392.html](http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/duenos-ciudades-urbanismo_0_1396060392.html) . Acesso em: 19 jan. 2015.

SASSEN, S. “**La ciudad se vuelve frágil si el capital compra tierras urbanas**”: Saskia Sassen. [mar. 2015]. Entrevistador: Eugenia Coppel. Guadalajara: Grupo Milenio, 09 de março de 2015. Disponível em: [http://www.milenio.com/cultura/ciudadanos-poder-pueden-hacer-historia\\_0\\_478152471.html](http://www.milenio.com/cultura/ciudadanos-poder-pueden-hacer-historia_0_478152471.html) . Acesso em: 09 out. 2015.

SASSEN, S. “**Se ha roto el ciclo, porque el salario del trabajador ya no permite mantener el consumo**”. [jan. 2012]. Entrevistador: Anatxu Zabalbeascoa. Madrid: El País, 29 de janeiro de 2012. Disponível em: [http://elpais.com/diario/2012/01/29/eps/1327822015\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2012/01/29/eps/1327822015_850215.html). Acesso em: 29 set. 2014.

SASSEN, S. **As narrativas da globalização**. [jun. 2010]. Entrevistador: Laura Greenhalg. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 06 de junho de 2010. Disponível em: <[http://200.185.145.161/noticia\\_imp.php?req=suplementos,as-narrativas-da-globalizacao,562264,0.htm](http://200.185.145.161/noticia_imp.php?req=suplementos,as-narrativas-da-globalizacao,562264,0.htm)>. Acesso em: 26 set. 2014.

SASSEN, S. **El momento de los sin poder**. [jul. 2013]. Entrevistador: Steven Navarrete Cardona. Bogotá: Revista Arcadia, 18 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.revistaarcadia.com/imprensa/sociologia/articulo/el-momento-poder/32470> . Acesso em: 05 maio. 2015.

SASSEN, S. **Expulsados del centro comercial**: diálogo com Saskia Sassen. La socióloga explica en su libro cómo el espacio global se achica para muchos y privilegia a gobiernos y corporaciones. [maio. 2015]. Entrevistador: Hector Pavon. Buenos Aires: Revista de Cultura, 26 de maio de 2015. Disponível em: [http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Expulsados-centro-comercial\\_0\\_1362463754.html](http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Expulsados-centro-comercial_0_1362463754.html) . Acesso em: 06 nov. 2015.

SASSEN, S. **La ciudad es hoy un espacio de combate abierto**. [ago. 2012]. Entrevistador: Raquel San Martin. Buenos Aires: La Nacion, 17 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1499212-la-ciudad-es-hoy-un-espacio-de-combate-abierto>. Acesso em: 26 jun. 2014.

SASSEN, S. **Saskia Sassen**: “Hay geografías de poder y extracción que atraviesan la división Norte-Sur”. [jul. 2015]. Entrevistador: Raquel San Martín. Buenos Aires: La Nacion, 19 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1811285-saskia-sassen-hay-geografias-de-poder-y-extraccion-que-atraviesan-la-division-norte-sur> . Acesso em: 09 out. 2015.

SASSEN, Saskia, **Los espectros de la globalización**. Tradução de Irene Merzari. Buenos Aires: FCE, 2003.

SASSEN, Saskia. ¿Quiénes son los dueños de las ciudades?. **Clarín**, Buenos Aires, 21 jul. 2015. Disponível em: [www.revistaenie.clarin.com/ideas/duenos-ciudadesurbanismo\\_0\\_1396060392.html](http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/duenos-ciudadesurbanismo_0_1396060392.html) >. Acesso em: 03 ago. 2015.

SASSEN, Saskia. A Cidade Global. In: LAVINAS, L.; CARLETAL, L.; NABUCO, M.R. **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. São Paulo: ANPUR/Hucitec, 1993.

SASSEN, SASKIA. A globalização do protesto. [ago. 2011]. Entrevistador: Carolina Rossetti. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 13 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-globalizacao-do-protesto,758135>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

SASSEN, Saskia. A política como lugar. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 dez. 2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-politica-como-lugar,814979>>. Acesso em: 29 set. 2014.

SASSEN, Saskia. Actores y espacios laborales de la globalización. **Papeles de relaciones ecosociales y cambio global**, Madrid, n. 101, 2008.

SASSEN, Saskia. **As narrativas da globalização**. [jun. 2010]. Entrevistador: Laura Greenhalg. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 06 de junho de 2010. Disponível em: [http://200.185.145.161/noticia\\_imp.php?req=suplementos,as-narrativas-da-globalizacao,562264,0.htm](http://200.185.145.161/noticia_imp.php?req=suplementos,as-narrativas-da-globalizacao,562264,0.htm)>. Acesso em: 26 set. 2014.

SASSEN, Saskia. Ciudades en la economía global: enfoques teóricos y metodológicos. **Eure (santiago)**, [s.l.], v. 24, n. 71, p.5-25, mar. 1998a. SciELO Comision Nacional de Investigacion Cientifica Y Tecnologica (CONICYT). <http://dx.doi.org/10.4067/s0250-71611998007100001>.

SASSEN, Saskia. Desnacionalización de las políticas estatales y privatización de la producción de normas. In: TEUBNER, Gunther; SASSEN, Sakia; KRASNER, Stephen. **Estado, soberanía y globalización**. 1ª ed. Bogotá: Siglo del Hombre, 2010.

SASSEN, Saskia. El Estado y La nueva geografía del poder. In: VIGEVANI, Tullo, et al. (org). *A dimensão subnacional e as relações internacionais*. São Paulo: EDUC; Ed. Unesp; Bauru, EDUSC, 2004.

SASSEN, SASKIA. **Entrevista con Saskia Sassen**. [jan. 2009]. Entrevistadores: Marga Julià Sotomayor e Félix Manito. Barcelona: Fundación Kreanta, 01 de janeiro de 2009. Disponível em: < <http://www.kreanta.org/actividades/pdf/Entrevista%20Saskia%20Sassen.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

SASSEN, Saskia. **Expusiones: brutalidad y complejidad en la economía global**. 1 ed. Madrid: Katz, 2015a.

SASSEN, Saskia. Localizando ciudades en circuitos globales. **Eure (santiago)**, [s.l.], v. 29, n. 88, p.5-27, dez. 2003. SciELO Comision Nacional de Investigacion Cientifica Y Tecnologica (CONICYT). <http://dx.doi.org/10.4067/s0250-71612003008800001>.

SASSEN, Saskia. **Los espectros de la globalización**. 1 ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SASSEN, Saskia. **Saskia Sassen: “Protestos usam espaço público como rua global para a política”**. [ago. 2015]. Entrevistador: Carlos André Moreira. Porto Alegre: Zero Hora, 23 de agosto de 2015. Disponível em:< [zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/08/saskia-sassen-protestos-usam-espaco-publico-como-rua-global-para-a-politica-4830352.html](http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/08/saskia-sassen-protestos-usam-espaco-publico-como-rua-global-para-a-politica-4830352.html) >. Acesso em: 11 set. 2015.

SASSEN, Saskia. Sassen: **“La clase media es actor histórico de la revolución”**. [mar. 2015]. Entrevistador: Berta Ares. Barcelona: Revista de Letras, 09 de março de 2015. Disponível em: < <http://revistadeletras.net/sassen-la-clase-media-es-actor-historico-de-la-revolucion/>>. Acesso em: 05 de mai. 2015.

SASSEN, Saskia. The Global Street: Making the Political. **Globalizations**, New York, v. 8, n. 5, p. 573-579, nov. 2. Disponível em: <[dx.doi.org/10.1080/14747731.2011.622458](http://dx.doi.org/10.1080/14747731.2011.622458)>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SASSEN, Saskia. Una Sociología De La Globalización. **anal.polit.**, Bogotá , v. 20, n. 61, Dec. 2007. Available from <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-47052007000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-47052007000300001&lng=en&nrm=iso)>. access on 11 Sept. 2014.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998 b. Tradução de: Carlos Eugênio Marcondes de Moura.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. 1ª. Porto Alegre: Artmed, 2010. Tradução de: Ronaldo Cataldo Costa.

SASSEN, Saskia. **El lenguaje de la expulsión**. Disponível em: <<http://www.sinpermiso.info/textos/el-lenguaje-de-la-expulsin>>. Acesso em: 04 mai. 2015.

SASSEN, Saskia. **El capitalismo ha entrado en lógicas de destrucción**. Entrevista. Disponível em: <[www.sinpermiso.info/textos/el-capitalismo-ha-entrado-en-lgicas-de-destruccion-entrevista](http://www.sinpermiso.info/textos/el-capitalismo-ha-entrado-en-lgicas-de-destruccion-entrevista)>. Acesso em: 05 mai. 2015.